

Aníbal Bragança
Eliane Ganem
Maria Virgínia M. de Arana
Shirley Dias da Silva

**O CONSUMIDOR DE LIVROS DE SEGUNDA MÃO.
PERFIL DO CLIENTE DOS SEBOS**

Escola de Comunicações e Artes – ECA
Universidade de São Paulo – USP

São Paulo - Brasil

Nota introdutória:

Pesquisa realizada em São Paulo e Rio de Janeiro, dentro do projeto “O Público da Cultura”, coordenado pelo Prof. Dr. Teixeira Coelho, como atividade acadêmica dos autores no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo-USP, no primeiro semestre de 1992.

Levando em conta as limitações circunstanciais em que o trabalho foi desenvolvido, não foi dado então à publicação. Sua circulação tem sido restrita, até agora, às poucas cópias fornecidas pelos seus autores – aos informantes e aos colegas que a solicitaram – e às consultas feitas por pesquisadores na cópia do original existente na biblioteca da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP).

A imprensa, na época, registrou a realização do trabalho, conforme matérias no *Jornal da USP*, 28/10-1/11/1992, p.14-5, e *Folha de S. Paulo*, 22/11/1992, Caderno 14, p. 2.

Passados treze anos, uma nova leitura indicou-nos que sua revisão poderia resultar num outro trabalho. Assim, com pequeníssimas alterações, resolvemos colocar o texto e os resultados da pesquisa à disposição do público, no meio digital, mesmo com suas imperfeições e anacronismo, *reservando-se os direitos de cópia @ aos autores, de acordo com a legislação em vigor.*

Levamos em conta que desde sua realização o trabalho tem sido aproveitado por colegas pesquisadores, certamente por se tratar de um trabalho pioneiro e que se mantém, até agora, sem continuidade. Constituindo-se assim, talvez, na única pesquisa empírica na área e uma das poucas fontes existentes no país sobre o público consumidor de livros de segunda mão, acrescido de breves notas sobre a bibliofilia.

Aníbal Bragança

Universidade Federal Fluminense

anibalbraganca@terra.com.br

www.uff.br/lihed

Niterói, Rio de Janeiro, novembro de 2005.

Este trabalho é dedicado à memória de

Walter Benjamin

15.07.1892 / 15.07.1992

Cem anos de nascimento

SUMÁRIO

6 – Agradecimentos

7 – Introdução

Parte I: Algumas indicações preliminares para o estudo da bibliofilia

10 – 1.1.1. A bibliofilia e a tradição

13 – 1.1.2. No Brasil

13 – 1.2. A bibliofilia e o culto do objeto

15 – 1.3. A bibliofilia e o sujeito

Parte II – Análise dos resultados da pesquisa sobre o consumidor de livros de segunda mão em São Paulo e no Rio de Janeiro

19 – 2.1. O público dos sebos: o consumidor de livros de segunda mão em São Paulo e no Rio de Janeiro

19 – 2.1.1. Quem é o consumidor de livros usados.

20 – 2.1.2. Cultura superior, média ou baixa?

20 – 2.1.3. Leitor “funcional”, bibliófilo ou bibliômano?

24 – 2.1.4. Do presente ao passado.

24 – 2.2. Tradição, Modernidade e Pós-Modernidade

26 – 2.3. Os bibliófilos e o mercado

27 – Conclusão: O retorno à diversidade e o novo colecionismo

31 – Bibliografia

ANEXOS

51 – Tabelas

70 – Questionário da pesquisa

Saibam que tenho plena consciência de quanto essa revelação que faço do mundo mental contido no ato de colecionar vai reforçar para muitos de vocês a convicção de que essa paixão é coisa do passado e a desconfiança contra o tipo humano do colecionador.

Longe de mim a pretensão de abalá-los. Mas só haveria uma coisa a notar: o fenômeno de colecionar perde seu sentido na medida em que perde o seu agente.

.....

Pois quem lhes fala é um deles e, no fundo, está falando só de si.

Walter Benjamin

Desempacotando minha biblioteca. Um discurso sobre o colecionador

Agradecimentos

Os autores do trabalho expressam seus agradecimentos a todos os que abandonaram por algum tempo suas buscas no universo das estantes dos sebos para responder a um impertinente e cansativo questionário, levado por aqueles que se pretendiam investidos da autoridade do saber da universidade. Sua paciência foi fundamental.

Agradecemos muito especialmente a todos os livreiros e seus auxiliares que contribuíram para que pudéssemos chegar a seus clientes.

De forma especial, destacamos as contribuições de:

Livraria Messias
Livraria Calil
Livraria “O Nome da Rosa”
Livraria Kosmos
Livraria São José
Livraria Brasileira
Livraria Cruzeiro do Sul
Livraria Leia
Livraria Correa do Lago
Livraria Metropolitana
Livraria Belo Artístico
Livraria Araguaia
Livraria Cinco Estrelas
Livraria Brandão
Livraria Ornabi

Agrademos às pessoas de nosso mundo doméstico e familiar que, afinal, com sua generosidade, compreensão e carinho acabam sendo os garantidores de um ambiente psíquico e material que nos permite produzir intelectualmente.

Finalmente, ao Prof. Dr. Teixeira Coelho, que nos propiciou a oportunidade de enfrentarmos este desafio.

Introdução

A escolha do segmento dos consumidores de livros de segunda mão, dentro do universo da pesquisa sobre “O Público da Cultura” deveu-se a razões objetivas e desejos subjetivos. Os componentes do grupo de estudo são profissionais ligados ao livro, antes de suas atividades docentes e de pesquisa na área da Comunicação Social. Bibliotecárias, livreiro/edidor, autora.

Junto ao público leitor crescemos. Aprendemos a ama-lo e respeita-lo numa interação criativa e enriquecedora. O desejo nasceu dessa relação afetiva. Porque conhecíamos e gostávamos, pretendemos conhecer mais e mais gostar.

Os objetivos da pesquisa centraram-se em três níveis:

- a. conhecer o perfil sócio-cultural do consumidor de livros de segunda mão de São Paulo e Rio de Janeiro;
- b. detectar seu posicionamento frente à tradição e às novas tecnologias de informação e cultura;
- c. perceber suas aspirações e anseios diante do mercado do livro usado, antigo ou raro.

Nesses objetivos movia-se o desejo de fazer retornar aos atores do processo alguma contribuição útil para o desvendamento e reconhecimento do mundo do livro usado.

Todos sabemos da importância desse mundo. Ela vai desde o fazer circular livros a preços muito mais acessíveis a parcelas consideráveis de consumidores que de outra forma jamais iniciariam ou desenvolveriam a formação de suas bibliotecas particulares, até ao trabalho perseverante e cuidadoso de preservar objetos culturais que certamente se perderiam. Quanto de documentos e raridades bibliográficas foram resgatados e “libertados” (Benjamim) devido ao interesse e zelo dos livreiros e colecionadores? Quando de nossa memória letrada deve à atividade comercial e cultural desses personagens sociais?

A escolha desse universo entretanto determinou a forma de trabalho. Impôs seus limites. Nossa aproximação teria que abandonar qualquer pretensão no nível da recepção

estética. Obrigou-nos a trabalhar ao nível da circulação, das redes de consumo, num viés que podemos situar na sociologia do consumidor cultural.

A inexistência ou desconhecimento de trabalhos anteriores feitos na área, no Brasil, certamente dificultou-nos a caminhada. Valemo-nos de nosso conhecimento empírico, das vivências anteriores na área e utilizamos como referência básica dois livros brasileiros sobre a bibliofilia: *Os livros nossos amigos*, de Eduardo Frieiro, e *O Bibliófilo Aprendiz*, de Rubens Borba de Moraes, que são, antes de tudo, depoimentos de apaixonados bibliófilos. E encantadores, por isso.

Acrescentamos também os ensaios-testemunhos de Marcel Proust, *Sobre a leitura*, e de Walter Benjamin, *Desempacotando minha biblioteca, sobre o colecionador de livros*. Ambos de requintados bibliófilos.

Este trabalho é dedicado a Benjamin que estaria fazendo 100 anos. Seu pensamento está mais vivo que nunca. Seu texto sobre a bibliofilia é de rara sensibilidade. “Quantas cidades não se revelaram para mim nas caminhadas que fiz à conquistas de livros”, confessa.

Este trabalho pretende ser, antes de tudo, uma introdução. Uma pré-pesquisa. A pesquisa empírica não tem pretensões de validade científica. Seus autores não são pesquisadores de campo profissionais. Aventuram-se, com pouca técnica, mas com a consciência da seriedade requerida. As falhas não se devem a qualquer falta de interesse ou empenho. Devem-se mais a um certo pioneirismo da empreitada e às limitações de recursos, materiais, técnicos e de prazo.

Inicialmente favorecidos pelo conhecimento anterior do universo a ser pesquisado, tanto da perspectiva do livreiro quanto do consumidor, elaboramos o questionário de pesquisa. Esse questionário teve cinco versões. Foi sendo escoimado de erros mais grosseiros e enriquecido através das discussões internas do grupo e, principalmente, das discussões com bibliófilos e livreiros a que o submetemos. Após essas discussões, das quais resultaram contribuições inestimáveis, conseguimos sua forma final. Que, como é óbvio, ao ser levada a campo foi demonstrando suas insuficiências e imprecisões. Mas também seus méritos e qualidades, ampla e generosamente reconhecidos pela grande maioria dos livreiros que, entusiasmados, se dispuseram a colaborar na pesquisa, aplicando o

questionário na clientela de sua livraria. Muito dos resultados obtidos nós devemos ao empenho sério e generoso dos responsáveis pelas livrarias que estão nomeadas na folha de agradecimentos.

Chegamos a distribuir cerca de cento e cinquenta questionários, entre São Paulo e Rio de Janeiro. As limitações já referidas só nos permitiram recolher e trabalhar 69 questionários. Vários deles só nos chegaram depois de iniciado o trabalho de tabulação, quando não era mais possível incorporá-los. Cremos entretanto que não alterariam os resultados.

Se este trabalho obtiver a atenção de leitores interessados certamente poderá servir como estímulo para outras pesquisas mais elaboradas e com mais condições de realização. É o máximo a que ele aspira.

De certa maneira, o trabalho já rendeu frutos. Foi acompanhado seu desenrolar que fomos pesquisando a bibliografia sobre o colecionador e o objeto. A primeira parte do trabalho pretende ser já um passo adiante. Foi com a descoberta das características do consumidor de livros de segunda mão dos sebos de São Paulo e do Rio de Janeiro que fomos levados à exploração do universo do colecionador. E este trabalho deixa na sua primeira parte uma síntese dessa exploração. a segunda parte, compõem-se do trabalho dito. A tabulação dos resultados da pesquisa, o questionário aplicado, o tratamento e a análise desses resultados.

A análise pretende ser caudatária especialmente das aulas do Prof. Dr. Teixeira Coelho e dos autores por ele indicados no curso *O Público da Cultura*, como Hannah Arendt, Nestor Garcia Canclini e Jean-François Lyotard, além de outros.

Sentimos que nosso esforço foi recompensado. As configurações sócio-culturais do consumidor de livros de segunda mão em São Paulo e no Rio de Janeiro estão delineadas. Falta muito a explorar e a conhecer. Mas isto é outra história. Ou outras pesquisas.

Nossas conclusões pretendem, mais que olhar para o passado, discutir o futuro, olhando o presente.

Parte I: Algumas indicações preliminares para o estudo da bibliofilia

1.1.1. A bibliofilia e a tradição

“As aspirações de cultura fazem com que as pessoas queiram refugiar-se em alguma imagem de algum período heróico do passado, tal como herdado da classe anterior do século XIX. Assim, o burguês cultivado do século XIX volta-se, em seu lazer, para a Atenas de Péricles ou a Itália renascentista.”

David Riesman

Ainda no século XV houve um movimento de tudo se levar para a letra impressa do livro. Este desde o princípio não se recusou à tradição. Enquanto proliferavam pequenas oficinas impressoras por toda a Europa iam saindo dos prelos bíblias, saltérios e livros de orações. Os incunábulo incorporavam os trabalhos dos iluminadores e miniaturistas. Pretendiam também com seus tipos metálicos reproduzir a beleza dos códices dos *scriptoria* medievais.

Com os editores eruditos do século XVI a imprensa cria uma fisionomia própria. É a “época de ouro” da impressão com as edições aldinas dos autores gregos e latinos. Estas edições, com as do berço da imprensa, iriam tornar-se o supremo objeto dos colecionadores. Inclusive pelas encadernações dos bibliófilos de então.

A arte de colecionar livros certamente nasceu com o livro, na antiga Suméria. Na Roma Imperial, com suas inúmeras oficinas de copistas, particulares e de livreiros, Sêneca investe contra aqueles que juntam rolos de papiro e pergaminho, que em todas a sua vida não conseguirão ler.

Na baixa Idade Média chega a extremo refinamento a arte dos copistas e ilustradores. Richard de Bury escreve *Philobiblon*, onde fala de sua coleção, oferecendo os primeiros rudimentos da bibliofilia. Petrarca é o “pai da bibliofilia moderna”.

O século XIX assiste ao seu auge. Em toda a Europa cresce a paixão colecionadora. Nos leilões os livros são “disputados a peso de ouro”. Criam-se clubes, “uma espécie de confraria de grã-finos, unidos pelo mesmo culto quase religioso pelos livros antigos e raros”. As edições dos Elzevires são colecionadas com “verdadeira fúria”. Os livreiros fazem fortuna.

A cultura torna-se mercadoria. É o fim da grande tradição, segundo Hannah Arendt (1). A “tremenda façanha” de Hegel, seguido por Kierkgaard, Marx e Nietzsche: escapar dos “padrões de pensamento que haviam governado o Ocidente por mais de dois mil anos”.

Mesmo sem pretender repudiar a tradição enquanto tal, a proposição de Hegel de uma história universal, como totalidade, como um desenvolvimento contínuo foi o primeiro substituto para a tradição. É o início de um processo que iria desaguar nos totalitarismos do início do século XX.

“A avassaladora massa de valores mais divergentes dos mais contraditórios pensamentos das mais conflitantes autoridades, todos os quais haviam sido capazes de funcionar conjuntamente, foram reduzidos a um desenvolvimento unilinear e dialeticamente coerente, minando a autoridade de todas as tradições”

Hannah Arendt

Esta perda de autoridade, segundo Arendt, é substituída por uma “glorificação espúria da cultura”. Os novos homens ricos a valorizam para ostentar sua riqueza, gosto e aspirações. As famílias já bem estabelecidas usam-na para reiterar sua fortuna e *status*. Para ambas, a burguesia e a nobreza, o consumo da alta arte e cultura constituía o símbolo e a consagração de posição de classe adquirida ou cobiçada. A forma prevalece sobre a autenticidade, o orçamento sobre a simplicidade e a pompa sobre a sobriedade. Crise que favorece o desenvolvimento da bibliofilia. A tradição armazenada num objeto artístico e raro.

Os arcadistas tinham suas razões para retornar a metáforas e símbolos antigos, afirma Arno Mayer (16). As classes dominantes tinham uma “concepção funcional das artes”. Para Arendt, “a sociedade começou a monopolizar a “cultura” em função de seus

objetivos próprios, tais como posição social e *status*. Na luta por posição social “ a cultura começou a desempenhar enorme papel como uma das armas, se não a mais apropriada, para progredir socialmente e para “educar-se”, ascendendo das regiões inferiores onde a realidade estaria situada, para as regiões superiores e supra-reais onde o belo e o espírito estariam em seu elemento”. Essa “fuga da realidade por intermédio da arte e da cultura” e, segundo Arendt, o que deu a “fisionomia do filisteísmo educado ou cultivado”. O que irritava no filisteu educado não era que ele lesse os clássicos, afirmou a pensadora, mas que ele o fizesse movido pelo desejo dissimulado de auto-aprimoramento, continuando completamente alheio ao fato de que Shakespeare ou Platão pudessem ter a dizer-lhes coisas mais importantes do que a maneira de se educar.

T. Veblen (24), com fina ironia, assim entende a importância da leitura dos “clássicos” para o novo rico americano do século XIX:

“Com efeito já não se pode duvidar de que é a sua utilidade em relação ao desperdício de tempo e esforço (e, daí, da força pecuniária necessária a fim de permitir esse desperdício que garantiu aos clássicos a sua posição e prerrogativa no esquema da cultura superior, e levou as letras clássicas a serem estimadas como o elemento mais honorífico de todas a cultura. Servem elas aos fins decorativos da cultura da classe ociosa, melhor do que a que serve qualquer outro ramo do saber, e daí elas serem um meio eficaz de obtenção de respeitabilidade”.

Em síntese: a cultura superior como expressão da cultura pecuniária.

Para Hobsbown (9), a emergência das classes média e média baixa, ávidas de cultura, já bastava para fazer as elites procurarem símbolos de *status* cultural mais exclusivos. Diante das inovações e dos modernismos, o grande público “se refugiava na esfera das obras *clássicas*”.

À grande burguesia só restava “negar-se a si mesma e imitar e se apropriar dos modos da nobreza, na esperança de ascender a ela. Enviar seus filhos às escolas superiores da elite e assumir poses e estilos de vida aristocrática”.

Para Frieiro (8), a bibliofilia “era uma das tafularias elegantes da nobreza”.

1.1.2. No Brasil

A bibliofilia brasileira é associada ao fato do Brasil ter-se tornado objeto de estudo para estrangeiros. Estes provocaram uma onda de interesse pelos livros de história do século passado e, especialmente, dos livros dos “viajantes”. O Estado Novo e os projetos de grandeza nacional abriram espaço para as brasileiras. Durante a guerra altera-se o pacato mundo dos bibliófilos brasileiros: os novos ricos meteram-se a colecionadores! Para o filisteísmo burguês, também aqui, basta dinheiro para adquirir educação e “cultura”. E “tradição”. Esta moda, segundo Rubens Borba de Moraes (18), provocou um verdadeiro encilhamento de certos livros. O que valia no mercado internacional dois e três, passou aqui para seis ou oito. Felizmente veio a paz. Os novos ricos puderam ir divertir-se na Europa. E voltou a calma ao mundo da bibliofilia brasileira. Estávamos na era do rádio. Somos um país oral.

2. A bibliofilia e o culto do objeto

“No fundo, o mundo é feito para acabar num belo livro.”

Mallarmé (1842/1898)

Vimos desde a Antiguidade latina o livro foi, ora mais ora menos, colecionado. No século XIX, como talvez na Roma antiga, ressalvadas as diferenças óbvias, o livro foi signo de antiguidade como objeto raro e ao mesmo tempo como depositário de um saber consagrado pelo tempo, a tradição, que conferia aos seus possuidores certas senhas para o ingresso no mundo aristocrático das elites.

Este uso funcional do livro não é diferente em sua natureza da apropriação simbólica de qualquer objeto cultural. Certamente sua utilização e valor dependem de seu contexto histórico. Hoje, diz Baudrillard (2), a significação de prestígio do objeto está numa encruzilhada entre “uma moral aristocrática do *otium* e uma ética puritana do trabalho”.

O objetivo deve “trabalhar”, “funcionar”, como que desculpando-se num mundo “democrático”, de seu velho “estatuto aristocrático de signo puro de prestígio”.

O “trabalho” do livro é trazer a “mensagem” do autor para ser lida, vista, tocada pelo leitor. Encerrada a sua “função”, torna-se objeto.

“Os objetos nunca se esgotam naquilo para que servem, e é neste excesso de presença que assumem sua significação de prestígio, que ‘designam’ não mais o mundo, mas o ser e a posição social de seu detentor”.

Jean Baudrillard

A bibliofilia é um culto do objeto. Do mesmo modo para o letrado, o livro “não é o anjo que esvoaça assim que se abrem as portas do jardim celeste, mas um ídolo imóvel que ele adora pelo que é, e não pelo que desperta de vivo em seu espírito” (Proust) (19). Assim também o bibliófilo (diria Antônio Houaiss, o “bibliômano”), é aquele que guarda, reúne, acumula, coleciona, pelos prazeres da posse, independente de sua “função” original.

Hoje, entretanto, é impossível guardá-lo sem disfarce. O simulacro funcional. Coleciona-se para alguma finalidade. Investimento, pesquisa, preservação, “cultura”.

O objeto é preso ao compromisso fundamental de ser obrigado a significar, mas também, de submeter-se “ao consenso agudo da moral democrática do esforço, do fazer e do mérito”.

Num tempo em que ter “cultura”, mais precisamente, ter livros, no Brasil, era sinal indicador de classe dominante, (“ser doutor”), quantos acumularam livros em suas salas de visitas, à vista, comprados a prazo aos vendedores colecionistas ambulantes. Quantos colocaram atrás de suas mesas de trabalho bibliotecas de encadernações coloridas de letras douradas. Sem nucas os ler.

Quantos pretendem legitimar sua real ou ilusória ascensão social ou acadêmica com uma bela biblioteca! Muitas vezes estes livros são “objetos-testemunhos” que testemunham com fidelidade a classe de origem ou uma “enculturação tenaz”. Outros, “objetos-irrealistas”, testemunham desesperadamente um padrão inacessível ou, mais, no seu triunfalismo de signos de promoção social afixam (ou reconhecem) secretamente a derrota social. Quantos “intelectuais”, a cujo espírito lhes falta atividade original, que

“não conseguem separar nos livros a substância que poderia torná-lo mais forte”, se embarçam com a forma intacta do livro, como lembrou Proust (19). Ficam, derrotados, acumulando livros, cimélios, ao invés de escrever, criar, atuar. Quantos se contentam, afinal, com o reconhecimento acadêmico de seus pares, por sua “erudição” expressa em sua biblioteca.

“O amor aos livros é uma conseqüência do amor à leitura, porém, como sucede tantas vezes na vida, dá-se freqüentemente na bibliofilia uma inversão de valores, e o que é secundário torna-se o principal. O bibliófilo desta espécie é mesmo o mais comum.”

Eduardo Frieiro

Simulacro do simulacro. Ler para reter. Reter o objeto para, quem sabe, ler.

E há os poucos que conseguem alcançar as belas edições encadernadas “antigas”, raras e de alto preço. Muitas vezes, diz Baudrillard (2), o gosto do antigo é característico do desejo de transcender a dimensão do êxito econômico, buscando uma legitimidade, uma herança, uma sanção “nobre”. Mas pode ser também testemunho de uma recusa do *status* econômico, uma vontade de se situar fora da classe, refugiando-se na “reserva dos signos emblemáticos de um passado anterior à produção industrial”, na alta tradição.

A bibliofilia, como coleção de objetos, é campo rico para investigações sociológicas. As perguntas indicadas por Baudrillard (2) para se entender “a postulação social específica que exprime o gosto pelo antigo, como – de que classe social se afasta? que posição social sanciona? a classe ou modelo de classe aspira? – são questões que ainda hoje, e talvez de forma mais complexa do que no século XIX, se colocam para “aprender a lógica cultural da mobilidade social”.

3. A bibliofilia e o sujeito

“Nessa passagem de heróis prometéicos para heróis epimetéicos da cultura, a mais extraordinária foi a de Marx para Freud.”

Carl. E. Schorske

“O homem e sua relação com os objetos. A pessoa é sempre a de um objeto abstraído de sua função, ou abstraído de seu uso. Toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se um objeto de coleção”.

Jean Baudrillard

Independentemente dos tempos, colecionadores existem. Sempre. A carência possessiva é a ansiedade do complemento da coleção, que se refere no afã de integrar cada elemento numa sucessão projetada e quase sempre impossível.

Nesse sentido, o colecionador está muito mais relacionado com a mentalidade do moderno: dar conta da totalidade, crer-se universal; um sentimento simbólico de posse do mundo, representando em cada elemento que se relaciona com outros, formando um sistema, o todo da coleção. Num outro sentido, e remetendo à psicanálise, o gosto pela coleção está relacionado a resíduos da fase anal do indivíduo.

A fase ativa do colecionamento está entre sete e doze anos e freqüentemente depois dos quarenta, assim associada a fases críticas da evolução sexual, afirma Baudrillard.

Freud (7) demonstra que só parte das zonas erógenas é utilizada na vida sexual, sendo a outra parte reprimida e sublimada. Durante o período de latência sexual (dos cinco aos doze anos) criam-se reações como vergonha, a repugnância e a moralidade – diques para o curso das atividades posteriores dos instintos sexuais.

O erotismo anal como componente do instinto sexual, ao ser reprimido pela nossa civilização, faz com que os indivíduos, anteriormente anal-eróticos, se tornem ordeiros, parcimoniosos e obstinados, como sublimação desse erotismo.

A necessidade da posse e da retenção agressiva pode ser também sublimações a esse impulso reprimido, que às vezes, se reflete em traços de caráter como ordem, limpeza, e fidedignidade. Muitas vezes presentes no colecionador típico.

Christopher Lasch (11) aponta como a síndrome do homem atual a “personalidade fronteira”, caracterizando o narcisismo contemporâneo como um fenômeno social e cultural. Entende como personalidade fronteira aquela que se define não pelo sofrimento de neuroses clássicas, apontadas por Freud, mas se apresenta no indivíduo

com sintomas difusos (“insatisfação vaga com a vida”), exprimindo-se no sentido de uma existência amorfa, fútil e inútil e sentimentos penetrantes de vazio e profundos distúrbios de auto-estima. Esse homem vê o mundo como espelho de si mesmo e não se interessa por eventos externos, a não ser que lhe devolvam um reflexo de sua própria imagem.

A personalidade narcísica ou narcisística de nossos dias, como descreve Lasch, se registra como o indivíduo que quer se diferenciar dos outros, que deseja ser um “ser único”, mergulhado no seu próprio eu.

E, como diz Baudrillard, a subjetividade sai-me muito bem no que tange à posse do objeto raro.

“A singularidade absoluta do objeto vem do fato de ser possuído pelo colecionador, o que permite nele reconhecer-se como ser absolutamente singular. Esse objeto jamais se opõe à multiplicação do mesmo, processo de projeção narcisística, em um número indefinido de objetos, ele, ao contrário, a impõe, consentindo por este meio em um envolvimento total, em uma totalização de imagens de si, que vem a ser exatamente o milagre da coleção. Pois colecionamos sempre a nós mesmos.”

Se a personalidade narcísica é a predominante em nossos dias, somos todos colecionadores em potencial. O colecionador, ao se defender do mundo externo para preservar seu próprio eu intacto, reflete-se nos objetos, os quais possui como se a sua própria imagem fosse reproduzida quantas vezes for incorporado à coleção um novo item.

Grandes e assumidos colecionadores de livros deixaram depoimentos em suas obras que certamente reforçam o que acima apontamos:

“Revolta ao bibliófilo este modo mercantil de considerar o livro. Porque ama o livro com um grande amor, deseja-o só para si, com exclusivismo, com ciúmes de namorado”.

Eduardo Frieiro

“... os perigos da erudição, a bibliofilia quando existem, ameaçam menos a inteligência do que a sensibilidade...”.

Marcel Proust

“É aos psicanalistas que se deve perguntar porque se colecciona. Não resta dúvida que o dom de coleccionador é uma compensação para algum complexo... de fuga, que ajuda a suportar guerras, inflações, desejos, frustrações ou simplesmente uma mulher tagarela”.

Rubens Borba de Moraes

“... a posse é a mais íntima relação que se pode ter com as coisas que estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas. (...). Pois para o coleccionador a verdadeira liberdade de todo livro é estar em alguma parte de suas estantes”.

Walter Benjamin

Parte II – Análise dos resultados da pesquisa sobre o consumidor de livros de segunda mão em São Paulo e no Rio de Janeiro

2.1. O público dos sebos. O consumidor de livros de segunda mão em São Paulo e no Rio de Janeiro.

2.1.1. Quem é o consumidor de livros usados

As respostas indicam-nos que em sua maioria é do sexo masculino (setenta e sete por cento), mas as mulheres também aparecem de modo significativo. Metade é de pessoas casadas. Os solteiros alcançam trinta por cento. A faixa etária dos 26 aos 55 anos soma setenta por cento do universo pesquisado, praticamente dividida ao meio entre 26 a 35 anos e 36 a 55 anos. De 15 a 26 anos, apenas nove por cento.

Quase setenta e cinco por cento, têm nível superior, divididos entre graduados, mestres e doutores. Apenas vinte e cinco por cento não têm curso universitário, sendo que é de seis por cento o número daqueles que apenas completaram o curso de primeiro grau.

Vinte e nove por cento são profissionais liberais ou professores universitários. Trinta e quatro por cento é de funcionários públicos, professores secundários e jornalistas ou escritores.

A renda familiar de quase quarenta por cento é de mais de dez salários mínimos por mês. Com menos de três salários mínimos aparecem treze por cento.

Cinquenta e seis por cento pertencem aos quadros de alguma instituição acadêmica, cultural ou científica, sendo que mais de setenta por cento lêem livros também em pelo menos um idioma estrangeiro.

Os dados destacados acima estão nas tabelas do anexo 16 que devem ser consultados para maiores informações.

2.1.2. Cultura superior, média ou baixa?

Embora reconhecendo, com Marcelo Coelho (*Folha de S.Paulo*, Ilustrada, 24.06.92) que estabelecer distinções entre níveis é “tarefa complicada” e que o importante está na “biografia cultural, subjetividade e na sensibilidade de cada pessoa”, com essas ressalvas, arriscamo-nos a classificar o nosso universo de consumidores. Em resposta à pergunta (2); “Quais os temas (ou áreas) de seu maior interesse?” tivemos o seguinte resultado:

- a. Temais mais densos, eventualmente identificados como *cultura superior, erudita* ou *alta*, como: filosofia, ciências, teologia, arte, literatura clássica e poesia: cinquenta e cinco por cento.
- b. Áreas mais identificadas com *cultura de massa, popular* ou *baixa*: livros policiais, ficção científica, terror, espionagem, aventura, histórias de amor, aventuras românticas, romances eróticos e, também, religião, misticismo, astrologia e ciências ocultas: quinze por cento.
- c. Áreas que, talvez mais do que as anteriores, podem tanto ser do campo da alta quanto da média, indicando para nós mais diretamente um interesse profissional: história do Brasil, direito, política, economia, ciências sociais e atualidades: vinte e quatro por cento.

Os dados completos estão no anexo 1. Esta classificação espelha o perfil apontado anteriormente: o consumidor de livros usados é predominantemente um indivíduo que possui uma formação superior moderna. Pertence à geração dos anos 1950/1960, formado na cultura letrada e humanista (o tema mais “votado” é literatura clássica).

2.1.3. Leitor “funcional”, bibliófilo ou bibliômano?

O consumidor de livros de segunda mão é potencialmente um bibliófilo: setenta por cento dos entrevistados declaram-se colecionadores. Os temas das coleções são extremamente diversificados, pessoais. A não ser um certo indício de interesse concentrado em “primeiras edições dos autores do modernismo brasileiro” parece não existir hoje no Brasil qualquer “moda” na bibliofilia.

Apenas trinta e nove por cento justificaram profissionalmente ou funcionalmente a decisão de formar a coleção. Cinquenta e sete por cento associam sua decisão a “prazer intelectual”, *hobby*, “preservar a memória” e investimento. Veja anexo 2.

Outro indicador que anuncia a presença do “espírito” do colecionador está no número de livros adquiridos por mês (ver anexo 3); mais de cinco, para sessenta e quatro por cento dos entrevistados, e o número de volumes de suas bibliotecas particulares (ver anexo 3); quarenta e quatro por cento têm mais de mil, sendo que vinte e seis por cento ultrapassam os três mil volumes. Outros dados significativos: cinquenta e sete por cento dos entrevistados lêem apenas “mais ou menos” metade dos livros adquiridos (ver anexo 3); antes de continuar as considerações sobre os resultados que nos indicam ser o universo dos consumidores dos sebos o mundo da bibliofilia, o que determinou o viés do nosso trabalho, permitimo-nos fazer uma pequena digressão para o belo texto de Walter Benjamim (ver bibliografia) onde se discute a questão referente a este último dado da pesquisa:

“Seria – vocês não de perguntar – uma característica do colecionador não ler livros? Dir-se-ia que é a maior das novidades. Mas não, pois é a coisa mais velha do mundo, e menciono aqui a resposta que Anatole France tinha na ponta da língua para dar ao filisteu que, após ter admirado sua biblioteca, terminou com a pergunta obrigatória: - E o senhor leu tudo isso, Monsieur France? – Nem sequer a décima parte. Ou, por acaso, o senhor usa diariamente sua porcelana de Sèvres?”

Finda a digressão, voltemos aos dados. Entre os vários indicadores que poderiam influenciar na hora da compra dos livros (resposta múltipla), apenas vinte e quatro por cento assinalaram a “necessidade” (ver anexo 4); respondendo à pergunta: “por que você compra livros?” apenas nove por cento responderam “para manter-me atualizado”, sendo que vinte e oito por cento assinalaram “os livros são objetos de cultura e arte” e “é importante ter uma biblioteca para toda a família”; quarenta por cento responderam “a leitura é um prazer” e “por hábito/mania de ler” (ver anexo 4).

Embora apenas seis por cento usem *ex-libris* para identificar sua biblioteca (o que sinaliza um abandono da pretensão de “enobrecimento” via coleção de livros) (ver anexo 2), setenta e três por cento dos entrevistados têm o hábito de adquirir outros objetos usados e/ou antigos (ver anexo 11).

Poderíamos também assinalar que a frequência aos sebos (cinquenta e três por cento vão pelo menos uma vez por semana, sendo dezesseis por cento, todos os dias) e o tempo que o consumidor fica na livraria (sessenta e três por cento ficam de uma a três horas) e ainda que setenta e quatro por cento tem o hábito de visitar sempre ou às vezes mais de um sebo no mesmo dia (ver anexo 7), tudo isto indica algo mais do que uma necessidade funcional, e sim indica uma motivação subjetiva muito forte, inclusive, na sua prioridade no dispêndio de tempo.

Outro indicador, que é fundamental para indicar os bibliófilos, segundo Frieiro: oitenta por cento dos entrevistados compram mais livros usados do que novos (ver anexo 8) e, finalmente, outro indicador: setenta e três por cento não têm o hábito de pedir e emprestar livros (ver anexo 10). O colecionador é, assumidamente, um ciumento! Especialmente quando se trata de outro colecionador. Ele dá, mas não empresta livros. Ou então furta! Vale citar, a propósito, mais uma vez, Walter Benjamim:

“Dos modos costumeiros de adquirir livros, o mais conveniente seria tomar emprestado sem a subsequente devolução.”

Certamente os resultados da pesquisa (ver anexo) oferecem outras indicações que podem reforçar a nossa conclusão de que a parte substantiva dos compradores de livros usados é de colecionadores, bibliófilos, bibliômanos ou aprendizes de. Estes podem estar entre os que indicam possuir em sua biblioteca até duzentos volumes (dezoito por cento). Pois embora a quantidade de volumes não seja suficiente para identificarmos o colecionador, é raro o bibliófilo, mesmo com uma coleção de cimélios de apenas uns poucos exemplares, que não possua uma biblioteca de milhares de volumes.

Esta constatação sugere uma nova pesquisa, mais específica, seguindo as indicações dos autores e das reflexões contidas na primeira parte deste trabalho, que nos pudesse oferecer um retrato das motivações sociais e psicológicas ou existenciais da prática da bibliofilia entre nós, hoje.

Embora tenha sido essa a nossa conclusão, não nos passou despercebida a importância no mercado da parcela de compradores de livros de segunda mão levada aos sebos pelas dificuldades atuais de continuar comprando os livros novos e daqueles que compram

usados porque decidem gastar menos em algo que pode ser descartado (trocado, dado ou vendido) após a leitura. Esse contingente tem aumentado com a redução do poder aquisitivo da classe média, ao mesmo tempo que tem sido favorecido com uma oferta muito maior de livros em virtude de que essa mesma crise tem levado muitas pessoas a se desfazerem de suas bibliotecas. Não só porque se lhes torna necessário "converter" algum patrimônio em dinheiro para as despesas até de seu cotidiano, quanto pelo fato da necessidade de mudança para residências menores que não comportam espaços para livros. Esta situação fica evidente pelo crescente número de livrarias novas que se dedicam ao comércio de livros usados. O que foi confirmado em entrevistas informais com os livreiros.

Um sinal de que "os tempos estão mudando" em relação ao livro usado é que está em queda um certo preconceito antigo: hoje setenta e seis por cento dos compradores afirmam que presenteiam com livros usados. Mesmo considerando-se o universo da pesquisa, é um percentual muito significativo dessa mudança.

2.1.4. Do presente ao passado

Setenta e sete por cento dos entrevistados encontraram pelo menos uma razão para preferirem os livros antigos aos de hoje (ver anexo 5), destacando-se a preferência quanto ao objeto gráfico, especialmente na manifestação de que "as ilustrações são de melhor qualidade". Apenas vinte e três por cento acham que "hoje publica-se mais e melhor do que antigamente".

Não nos devemos esquecer que estamos diante de um universo predominante de colecionadores, para quem quanto mais contiver o objeto de trabalho artesanal, feito por mestres do ofício, mais ele se valoriza. O que, é claro, também se aplica às ilustrações, que, nos livros "antigos", muitas vezes são reproduções de trabalho de artistas consagrados, como Gustave Doré, Albert Dürer e muitos outros.

Na resposta à pergunta (21) sobre "o que é mais importante no livro, como objeto material?" o item que alcançou maior incidência foi "a legibilidade do texto". Afora tratar-se de algo fundamental num livro, acreditamos que esta situação retrata duas coisas: uma bem óbvia, uma boa parte dos leitores é de uma faixa etária que certamente

já exige o uso de lentes para leitura; outra: tem-se verificado no Brasil o uso abusivo da redução do corpo da tipografia e do espaço entre linhas, especialmente nos livros de grande volume, visando reduzir o número de páginas. Isso, algumas vezes acrescido de impressões esmaecidas ou papel inadequado tem excluído muitos dos seus potenciais leitores, muitas vezes resultando no encalhe da edição.

2. 2. Tradição, Modernidade e Pós-Modernidade

A pergunta "há obras fundamentais para a formação básica de uma pessoa?", foi uma das que tiveram maior índice de abstenção de resposta: quarenta e três por cento. Dos que responderam, cinquenta e sete por cento assinalaram *sim*. Não é desprezível o fato de tão alto índice de recusa à resposta. Certamente poderá indicar uma perplexidade diante da questão. Somando-se ao percentual de quarenta e três por cento que responderam *não* constata-se uma crise da idéia, sobre a qual tanto se escreveu, de um acervo cultural básico para todos. Certamente, hoje essa idéia não terá sido abandonada, mas se especializou e está determinada por cada ramo do conhecimento.

Outrossim, as respostas positivas tiveram uma dispersão muito acentuada: enquanto os "clássicos" Homero, Shakespeare e Machado de Assis foram citados apenas nove vezes, a Bíblia seis, e Platão cinco, noventa e um autores foram citados apenas uma vez. Parece indicar-nos mais que a idéia de um "descoleccionismo", a idéia de uma coleção pessoal, fora dos paradigmas da modernidade.

Isto também pode ser constatado, como afirmamos atrás, nos temas das coleções dos bibliófilos. Cada colecionador faz a sua coleção!

As respostas à pergunta (28) "que leituras foram mais importantes na sua vida?" (vide anexo 14) confirmam a extrema dispersão de experiências literárias mais significativas. Além de Machado de Assis, com apenas 9 indicações (em várias obras) e a Bíblia (8 indicações) o restante espalha-se num universo acentuadamente múltiplo, diversificado.

Entre os mais assinalados, comparando-se os resultados com os da resposta à pergunta 23 (anexo 13) sobre um possível acervo básico percebemos que três autores (ou obras) se repetem entre as cinco leituras mais importantes para a vida da pessoa entrevistada.

Dois autores indicados para o "acervo básico", Shakespeare e Homero, não foram aqui tão citados. No seu lugar apareceram dois escritores contemporâneos brasileiros: Carlos Drummond de Andrade e Monteiro Lobato. O que é compreensível: aqui as respostas se aproximam mais do real-vivido: lá a importância do ensinado é muito grande. A multiplicidade e diversidade é também o que se depreende do quesito sobre os "hábitos culturais" dos compradores dos livros de segunda mão (ver anexo 15); apesar de uma acentuada concentração nas leituras cotidianas de livros, jornais e revistas, os entrevistados têm hábitos de consumo cultural ricamente diversificados: freqüentam habitualmente teatros, cinemas, museus, concertos, galerias de arte e *shows* e mesmo bibliotecas públicas, além de assistirem à TV, diariamente, e vídeo. O que confirma o perfil sociocultural: formação superior e renda acima da média. Mas confirma também que o colecionador está aberto a todas as alternativas que lhe oferece o atual mosaico cultural pós-moderno.

Esta permeabilidade aos tempos, mesmo num setor social, em alguns aspectos, "tradicional", se constata na definitiva aceitação de uma tecnologia que sofreu (e sofre ainda) uma grande resistência no "mundo do livro" (editores, livreiros, autores, bibliófilos e bibliômanos): setenta e quatro por cento dos entrevistados consideram "um bem" a "xerox". As justificativas vão desde a possibilidade de acesso a livros de preços proibitivos até à facilidade de ter em casa a reprodução de uma raridade desejada, dispensando o copista.

Entretanto, a resistência (vinte e seis por cento consideram-na "um mal") se justifica acusando a "xerox" de prejudicar o "objeto livro", sonegar os direitos do autor e até de desestimular a compra de livros. Mas as justificativas a favor, sua grande maioria, lembram que dentre as suas vantagens estão: acesso a livros estrangeiros, difíceis de encontrar e caros; propagação de textos curtos; tornar disponíveis informações de outra forma inacessíveis; facilitar o trabalho escolar e a pesquisa. Embora vários entrevistados (a favor) tenham se manifestado contra o uso abusivo, alguém afirmou que a xerox é "uma segunda revolução de Gutenberg". Num extremo, pode-se imaginar um colecionador pós-moderno com uma reprodutora doméstica editando solitariamente sua coleção: excertos, fragmentos, obras inteiras, Homero, Joyce, Haroldo de Campos e Paul Gerdly!

Diante de alternativas sobre o futuro do livro, setenta e um por cento afirmam que "o livro permanecerá sempre" (ver anexo 12). Palavra de fé de bibliófilo! Quinze por cento acreditam no livro, mas acham que sua importância cultural vai diminuir ou que algo nele vai mudar. Treze por cento acham que ele tende a ser substituído por meios de comunicação audiovisuais ou se transformará em disquetes de computador.

A pergunta 17 (ver anexo 12) pretendia captar a postura dos entrevistados diante de afirmativas que reafirmam a perspectiva da chamada "cultura letrada" ou "guntenbergueana" (a, b, c, d, e) e outras que indicam uma aceitação ou mesmo valorização positiva da "aldeia global" ou "civilização da imagem" (f, g, h).

De um total de 216 respostas (não eram excludentes) oitenta e dois por cento concordam com as afirmativas afinadas com a "cultura letrada", restando dezoito por cento em favor da "civilização da imagem". Como era de se esperar, considerando o universo trabalhado. Poderia surpreender-nos uma grande aceitação de afirmativas como a de que, "apesar de tudo, hoje as crianças lêem mais do que antigamente". Mesmo sendo uma afirmativa verdadeira, pelo menos para o Brasil, após o extraordinário crescimento da literatura infantil dos anos setenta.

2.3. Os bibliófilos e o mercado

Para começar aceitemos a constatação de que a crise atual no consumo resultante da política de "exacerbação ao limite da concentração de renda" promovida pelo governo tem provocado uma queda nas possibilidades de consumo da população brasileira, talvez mais sentida entre as classes médias, onde se encontram os bibliófilos. Não é de se estranhar então que os entrevistados tenham respondido à pergunta (1) "o que mais você procura nos sebos": livros baratos! (ver anexo 1). Até porque os entrevistados são os bibliófilos e os consumidores que por "efeito-substituição" buscam alternativas mais ao alcance de seu bolso. Mas é mais do que isto, certamente. É também uma indicação da perda da importância do livro intocado, imaculado, novo (mais um fim das "auras"?) e a permeabilidade da classe média ao objeto de segunda mão; para uns, também a aceitação maior da circulação, massificação, democratização, do conhecimento ou prazer; desprendimento do objeto: "compro, leio, vendo, troco, descarto..."; apenas satisfazer o "vício" de leitura, a preços acessíveis.

Livro barato também, digamos, é a suprema aspiração do colecionador. Rubens Borba de Moraes comenta "acabaram-se as pechinchas!". Hoje o livreiro é muito informado e se o livro é raro e procurado, o preço expressa isso.

Mas mais do que preço barato, o que as respostas à pergunta (31) "Em que os sebos podem mudar para melhor?" (vide anexo 6) as alternativas que dizem respeito à necessidade e desejo de maior informação superam amplamente a reclamação por melhores preços e condições de pagamento: trinta e cinco por cento contra vinte e três por cento. O que é confirmado pela indicação de setenta e um por cento dos entrevistados de que "as editoras e livrarias não divulgam suficientemente o que colocam à venda" (pergunta 27, anexo 6). Além de mais informação, o que os colecionadores querem dos sebos é mais limpeza, conforto, organização do estoque (ver anexo 5). O questionário abria um espaço para que o consumidor indicasse até cinco sebos considerados por ele os "melhores do Brasil". Apenas 47 votantes o fizeram. Houve abstenção de trinta e dois por cento. As justificativas apresentadas especialmente nas entrevistas feitas diretamente, que vão de um insuficiente conhecimento dos sebos das outras cidades, até "que isso é muito variável. Depende do momento. Quando um sebo compra uma biblioteca especial da minha área, esse será o melhor. Até que apareça outra em outro sebo!". O resultado aparece no anexo 9.

Conclusão: O retorno à diversidade e o novo colecionismo.

A bibliofilia teve seu auge na segunda metade do século XIX, quando a decadência da aristocracia é acompanhada da emergência da burguesia industrial. Esta necessita utilizar símbolos da classe nobiliárquica para ser aceita como nova detentora do poder. O movimento burguês apropria-se da tradição no afã de institucionalizar seu espaço social, ancorando-se no patrimônio cultural, para demonstrar sua competência no cenário do contexto social que se transforma.

Apossando-se dos símbolos da nobreza empobrecida e decadente, a nova classe social coloca nos objetos antes exclusivos daquela o valor simbólico, na ânsia de representar neles sua inclusão no meio do poder político. Não lhe basta ser detentora do poder

econômico, tem que afirmar através dos objetos e comportamentos sua assimilação à classe antes univocamente hegemônica.

O livro pode ser um simulacro privilegiado. Como objeto manufaturado. com suas encadernações artesanais, transporta, contingente e conteúdo, o legado das idéias da tradição do Ocidente: judaísmo, cristianismo e os clássicos da Antiguidade greco-latina .

Paralelamente a essa apropriação filisteísta da cultura desenrolava-se o drama do questionamento do poder e da autoridade da tradição, que se inicia com Hegel.

Segundo Hannah Arendt, o “esfacelamento da tradição implicou na perda da sabedoria”. Afirma ainda: “O fio da continuidade histórica foi o primeiro substituto para a tradição; por seu intermédio, a avassaladora massa dos valores mais divergentes, dos mais contraditórios pensamentos e das mais conflitantes autoridades, todos os quais haviam sido, de algum modo, capazes de funcionar conjuntamente, foram reduzidos a um desenvolvimento unilinear e dialeticamente coerente, na verdade, não para repudiar a tradição como tal, mas a autoridade de todas as tradições!”. Kierkegaard, Marx e Nietzsche só radicalizaram esse questionamento de Hegel, embora, "bem ou mal, foram ainda influenciados pelo quadro de referência categórico da grande tradição”.

Esse processo iria desembocar nos autoritarismos do início do século XX e na Primeira Guerra Mundial, encerrando o período da "modernidade", iniciado, segundo Arendt, com as ciências naturais do século XVII.

Lembra-nos Hobsbown que "a verdadeira revolução cultural do século XX" estava ocorrendo aí, no fim desse período, como subproduto da democratização da sociedade: a arte da revolução tecnológica, o cinema.

Para Marshall McLuhan o surgimento dos meios elétricos de comunicação e seu desenvolvimento, a partir do final do século XIX e até meados do século XX, como o telégrafo, o telefone, o rádio, o cinema, a televisão e os computadores, inicia uma nova era da humanidade, "a aldeia global", encerrando o período da "galáxia de Gutenberg". Surgem novas linguagens e sensibilidades, rompe-se o centralismo e o individualismo. O homem é envolvido num processo instantâneo de participação global. Surgem muitos

centros e a hegemonia tradicional se rompe. Gianni Vattimo (23) explica assim o fenômeno:

"O que de fato aconteceu, não obstante todos os esforços dos monopólios e das grandes centrais capitalistas, foi que o rádio, a televisão e os jornais se tornaram elementos de explosão e multiplicação dinamizada de visões de mundo. O ideal europeu de humanidade foi revelado como um ideal entre outros, não necessariamente pior, mas que não pode sem violência pretender ter o valor de verdadeira essência do homem, de todos os homens".

Os meios de comunicação de massa surgiram como se tivessem o poder de produzir uma homogeneização geral da sociedade, entretanto o que se teve foi a exacerbação das particularidades, das regionalidades culturais. O que se inicia com uma recusa à sociedade administrada pelo capital consolida-se na indiferença à sociedade dos espetáculos. Segundo Vattimo, "é na não identificação total do que está a resposta contrária".

O pós-moderno pode ser ainda uma abstração, na medida em que as teorias não dão conta das transformações da realidade social. Os meios de comunicação de massa fazem aflorar a nível mundial as diversidades culturais e diferenças individuais. Acentuam-se as diferenças, emergem a diversidade e a multiplicidade, ao mesmo tempo que se dá a aproximação e interpenetração.

O modelo hegemônico ruiu. A idéia de centro/margem desmorona. Surge uma multiplicidade de centros, que se enriquecem na hibridez. Realidades diversas que não se excluem. A composição de diversidades forma um todo rico, onde o particular tem a potencialidade do todo, ou seja, o todo se mostra através do particular. Um todo fragmentado onde emergem as individualidades.

Será, ao contrário do que pensava Hannah Arendt, esse processo de esfacelamento, esse esgarçar da tradição, um caminho da recuperação das condições que permitiram a existência da "avassaladora massa dos valores mais divergentes" que compunham a grande tradição? Estamos agora solapando a velha idéia hegeliana da história única?

Andar com muita prudência nesses espaços diversificados é o que nos recomenda Umberto Eco. É tempo de mutação, agora já os valores não têm um referencial fixo, os sistemas estão em mudança e são adaptáveis a cada situação.

Serão os colecionadores de livros uma força da tradição? Ou são parte deste composto cultural híbrido de nossos dias? Pode um indivíduo de formação letrada sentir-se parte deste mundo, contemporâneo dos ávidos consumidores dos "mass-media"? A bibliofilia será amante ou cúmplice das grandes narrativas que ora desmoronam? Ou estará melhor neste emaranhado gigantesco de representações simbólicas das diversidades culturais? A análise dos resultados da pesquisa aponta-nos a abertura para o nosso tempo. Talvez até mais do que brechas ou fendas em algo monolítico, o que percebemos é o assumir plenamente da diversidade. Ao contrário do que aponta Canclini (5) não é o fim do "coleccionismo". O ato de colecionar, dentro dos padrões da modernidade, abre um leque imenso à diversidade, em que a existência do colecionador talvez se sinta mais à vontade, sem o peso dos modelos impostos. Mais livre, diverso e individualizado. Narcisista, talvez, preservando-se num mundo turbulento e agressivo. Sua relação com o passado transforma-se, é suave, sem envolvimento profundos com o legado cultural, o que lhe permite a vivência da diversidade densa e multifacetada.

Podemos assegurar: o temor de Walter Benjamin não aconteceu, nem acontecerá. O fenômeno de colecionar não perdeu o seu agente. Está em crise, sim. Uma crise onde se sobrepõem a perplexidade diante do passado e da tradição e a exigência de trabalhar mais e mais, num cotidiano em que ganhar a vida impõe transformar-se em máquina não pensante. Mas alguns sobrevivem, sempre. E atravessam a crise até dias melhores, onde a arte e a sensibilidade tenham dias menos sombrios. E floresçam.

E a figura do colecionador, do bibliófilo, continuará existindo, expressando seus medos, suas ambições, suas neuroses, mas também assegurando sua individualidade, sua identidade, seu modo de ser. E quanto esse modo de ser e de fazer tem dado de contribuição para a preservação da cultura e o enriquecimento das artes! Ele vai continuar existindo na medida em que o homem não deixa de ser homem, não pode abandonar sua humanidade, suas pulsões de vida e morte, preservadas no seu eu. Talvez narcísico, não se envolve profundamente, na medida em que se sinta ameaçado na sua sobrevivência psíquica.

Dizemos com Benjamin: "a existência do colecionador é uma tensão dialética entre os pólos da ordem e da desordem. Naturalmente, sua existência está sujeita a muitas outras coisas: a uma relação muito misteriosa com a propriedade (...), a uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que as estuda e as ama como o palco, como o cenário de seu destino". E assim continuamos: "Renovar o mundo velho - eis o impulso mais enraizado no colecionador ao adquirir algo novo". "Bem-aventurado o colecionador! Bem-aventurado o homem privado!".

A sua presença na colcha de retalhos cultural da atualidade é indispensável, pois se estabelece aí uma relação renovada com o passado, através dos livros, veículos da tradição, trazida obliquamente até nossos dias. Dias conturbados, sombrios, mas prenunciadores de um novo tempo.

Bibliografia

- (1) ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- (2) BAUDRILLARD, Jean. "A moral dos objetos. Função-signo e lógica de classe", *in: Semiologia dos objetos*. Petrópolis: Vozes, 1972, p.42 -87.
- (3) _____. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- (4) BENJAMIN, Walter. "Desempacotando minha biblioteca; um discurso sobre o colecionador", *in: Rua de mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.227-235.
- (5) CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas; estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1989.
- (6) ECO, Umberto. "O texto, o prazer e o consumo", *in: Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p 100-9.
- (7) FREUD, Sigmund. "Caráter e erotismo anal", *in: Atos obsessivos e práticas religiosas/ Moral sexual "civilizada"*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-95.
- (8) FRIEIRO, Eduardo. *Os livros nossos amigos*. São Paulo: Pensamento, 1957.
- (9) HOBBSBOWN, Erich. "As artes transformadas", *in: A era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 307-337.
- (10) HABERMAS, Jürgen. *Modernidade versus pós-modernidade*. *Arte em revista*, nº 7.
- (11) LASCH, Christopher. *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- (12) LISBOA, Luiz Carlos. *Tudo o que você precisa ler sem ser rato de biblioteca*. São Paulo: Ilha Deserta, 1973.
- (13) LYOTARD, Jean-François. *O pós -moderno explicado às crianças*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- (14) _____. *O Pós-moderno*, 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- (15) MATOS, Olgária. "Walter Benjamin; princípio esperança". *Folha de S. Paulo*, 12 de junho de 1992. Caderno Mais, p. 5.

- (16) MAYER, Arno J. *A força da tradição; a persistência do Antigo Regime*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- (17) McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- (18) MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. São Paulo: Nacional, 1965.
- (19) PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Campinas: Pontes, 1989.
- (20) RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- (21) ROUANET, Sergio Paulo. *Por que o moderno envelhece? Folha de S. Paulo*, 12 junho de 1992. Caderno Mais, p.6.
- (22) SCHORSKE, Carl E. *Viena, fin-de-siècle*. Campinas: Unicamp ; S. Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- (23) VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70, 1991
- (24) VEBLEN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa*. São Paulo: Pioneira, 1965.

ANEXOS: TABELAS E FORMULÁRIO ORIGINAL APLICADO NA PESQUISA

ANEXO I

TR. = Total de respostas, múltiplas.

TRT.= Total de respondentes.

Os números iniciais entre parênteses, nas perguntas, indicam a ordem da pergunta no questionário original da pesquisa.

(1.) O QUE MAIS PROCURA NOS SEBOS?		TR. 124
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
Livros baratos	32	26%
Livros raros	32	26%
Enriquecer sua coleção	24	19%
O que não encontra novo	15	12%
Gibis/revistas antigas	13	11%
Satisfazer “vício” de leitura	08	06%

(2.) QUAIS OS TEMAS (OU ÁREAS) DE MAIOR INTERESSE:		TR. 184
Literatura clássica	30	16%
Filosofia/ciências/teologia	29	16%
História do Brasil	25	14%
Poesia	23	13%
Arte	19	10%
Política/economia/ciências sociais/atualidade	17	09%
Religião/misticismo/astrologia/ciências ocultas	17	09%

Policiais/ficção científica/terror/espionagem/ aventura	10	05%
Estórias de amor/aventuras românticas/ romances eróticos	02	01%
Direito	02	01%
Outros	10	05%

ANEXO 2

(8.) VOCÊ FAZ ALGUM TIPO DE COLEÇÃO DE LIVROS ?		TRT. 068
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
Sim	54	80%
Não	14	20%

(8.) TEMAS DAS COLEÇÕES		TR. 070
Sobre um assunto	31	44%
Sobre um autor	21	30%
Primeiras edições dos autores do modernismo brasileiro	04	06%
Sobre um personagem	03	04%
Obras publicadas até o século XVIII	01	---
Outros	10	14%

(9.) O QUE MOTIVOU A FORMAÇÃO DA COLEÇÃO ?		TR. 086
Prazer intelectual	31	36%
Pesquisa para trabalho intelectual	17	20%
Necessidade de especialização	16	19%
<i>Hobby</i>	07	08%
Preservar a memória	06	07%
Investimento	03	04%
Outros	06	07%

(6.) VOCÊ USA “EX-LIBRIS” ?		TR. 061
Não	56	92%
Sim	05	08%

--	--	--

ANEXO 3

(14.) SUA BIBLIOTECA É COMPOSTA DE QUANTOS VOLUMES? TRT. 069		
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
Mais de 3.000	18	26%
Entre 200 e 500	18	26%
Entre 1.000 e 3.000	13	18%
Menos de 200	13	18%
Entre 500 e 1.000	07	10%

(10.) QUANTOS LIVROS EM MÉDIA VOCÊ ADQUIRIU POR MÊS? TRT. 069 (NO ÚLTIMO ANO)		
Mais de cinco	44	64%
De um a três	15	22%
De três a cinco	08	11%
Até um	02	03%

(15.) DOS LIVROS QUE VOCÊ ADQUIRE, EFETIVAMENTE QUANTOS VOCÊ LÊ? TRT. 066		
Mais da metade	22	33%
Menos da metade	16	24%
Mais de oitenta por cento	14	21%
Todos	14	21%

ANEXO 4

(30.) POR QUE VOCÊ COMPRA LIVROS?		TR 161
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
A leitura é um prazer	40	25%
Os livros são objetos de cultura e arte	29	18%
Por hábito/mania de ler	24	15%
É importante uma biblioteca para minha família	17	10%
Os livros são a melhor companhia	15	09%
Para se manter atualizado	15	09%
Ser estudante	07	04%
Porque as bibliotecas públicas são ruins	06	04%
Outros/não sabe	09	06%

(12.) O QUE MAIS CONTA NA HORA DE DECIDIR A COMPRA DE UM LIVRO?		TR. 133
Necessidade	32	24%
Oportunidade	25	18%
Preço	22	16%
Raridade	16	12%
Curiosidade	12	09%
Prazer da posse	11	08%
Intuição	05	04%
Tato	05	04%

(20.) O QUE VOCÊ LEVA À ESCOLHA DE UM LIVRO?		TR. 139
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
O autor	48	34%
A crítica	17	12%

A recomendação dos amigos	17	12%
A indicação do livreiro	12	09%
A indicação do professor	11	08%
A apresentação da capa/orelha	08	06%
Ser de uma boa editora	07	05%
O tradutor	07	05%
Nada disso	14	10%

ANEXO 5

(21.) O QUE É MAIS IMPORTANTE NO LIVRO, COMO OBJETO MATERIAL?		TR. 138
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
A legibilidade do texto	27	20%
A qualidade do papel	17	12%
A encadernação	16	12%
As ilustrações	14	10%
Um acabamento resistente	13	10%
A beleza da tipografia e diagramação	11	08%
A capa	09	06%
Nada disso tem importância, o que vale é o conteúdo	31	22%

(19.) OS LIVROS ANTIGOS, EM COMPARAÇÃO COM OS ATUAIS, SÃO:		TR. 102
As ilustrações são de boa qualidade	22	22%
Melhores graficamente	20	20%
Os conteúdos são melhores	15	15%
Mais “bem-escritos”	11	11%
As traduções são melhores	11	11%
Nada disto; hoje publica-se mais e melhor que antigamente	23	23%

ANEXO 6

(25.) O QUE MAIS ATRAPALHA NA COMPRA DE LIVROS?		TR. 112
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
O preço	43	38%
Falta de tempo para ler	16	14%
Falta de espaço em casa	10	09%
Livro sujo, rabiscado ou em mau estado	10	09%
Pouca informação do que existe à venda	09	08%
Atendimento deficiente	06	05%
Desorganização das livrarias	06	05%
Poucos livros interessantes	05	04%
Falta de tempo para ir às livrarias	05	04%
Outros	02	02%

(31.) EM QUE OS SEBOS PODEM MUDAR PARA MELHOR?		TR. 191
Cadastrar os clientes e mantê-los informados	33	17%
Nos preços	24	13%
Na organização dos livros nas estantes	23	12%
Ter catálogos atualizados	23	12%
Na organização do estoque	23	12%
Vender a crédito/aceitar cartões de crédito	20	10%
Estimular o mercado do livro raro	17	09%
No conforto para clientes	16	08%
Promover leilões/informações entre colecionadores	11	06%
Outros	04	02%

(027.) AS EDITORAS E LIVRARIAS DIVULGAM SUFICIENTEMENTE O QUE COLOCAM À VENDA?		TRT. 062
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS

Não	48	77%
Sim	14	23%

ANEXO 7

(3.) VOCÊ VISITA SEBOS COM QUE FREQUÊNCIA ?		TRT. 068
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
Semanalmente	25	37%
Sem regularidade	18	26%
Diariamente	11	16%
Quinzenalmente	08	12%
Mensalmente	06	09%
Quase nunca	00	00%

(4.) VOCÊ VISITA MAIS DE UM SEBO NO MESMO DIA ?		TRT. 060
Sim	22	37%
Às vezes	22	37%
Não	16	26%

(7.) EM MÉDIA, QUANTO VOCÊ DEMORA NUM SEBO?		TRT. 068
De uma a três horas	43	63%
Menos de uma hora	23	34%
Mais de três horas	02	03%

ANEXO 8

(22.) ALÉM DE SEBOS, VOCÊ ADQUIRE LIVROS EM?		TR. 150
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
Livrarias (de lançamentos)	52	35%
Feiras de livros	36	24%
Bancas de rua	28	19%
Bienal	19	13%
Vendedores domiciliares	06	04%
Jornaleiros	04	03%
Supermercados	01	---
Outros	04	03%

(13.) HABITUALMENTE, VOCÊ COMPRA MAIS?		TRT. 066
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
Livros usados	53	80%
Livros novos	13	20%

(11.) VOCÊ COSTUMA PRESENTEAR COM LIVROS DE SEGUNDA MÃO?		TR. 077
A amigos/colegas	30	39%
A filhos/sobrinhos/netos	12	15%
A cônjuge/namorado (a) pais	09	12%
Não	26	34%

ANEXO 9

(29.) COMO VOCÊ “DESCOBRIU” OS SEBOS?		TR. 094
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
Indicação de amigos	25	26%
Através de pais ou parentes	17	18%
Por acaso	17	18%
Através de anúncios	13	14%
Indicação de professores	07	08%
Outros	15	16%

(32.) QUAIS OS MELHORES SEBOS DO BRASIL?		TRT. 047
(voto em até cinco)		
Messias (SP)	18	
Kosmos (RJ)	17	
Brandão (SP)	16	
Brasileira (RJ)	14	
S. José (RJ)	12	
Calil (SP)	11	
Correa do Lago (SP)	05	
Leia (SP)	05	
Farah (SP)	05	
Lisboa (SP)	04	
Outros	28	

ANEXO 10

(15.) VOCÊ TEM HÁBITO DE PEDIR E EMPRESTAR LIVROS? TRT. 067		
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
Não	49	73%
Sim	18	27%

(18.) VOCÊ ACHA A “XEROX” ? TRT. 066		
Um bem	49	74%
Um mal	17	26%

ANEXO 11

(5.) VOCÊ TEM HÁBITO DE ADQUIRIR OBJETOS USADOS? (ALÉM DE LIVROS)		TRT. 068
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
Sim	50	73%
Não	18	26%

QUE OBJETOS USADOS VOCÊ COSTUMA ADQUIRIR? (RESPOSTAS MÚLTIPLAS)		TRT. 076
Discos	19	25%
Móveis, quadros, gravuras, “objetos”	14	18%
Jornais, documentos, manuscritos	13	17%
Cartões postais	12	16%
Roupas	06	08%
Moedas	05	06%
Selos	04	05%
Sucata	03	04%

ANEXO 12

(17.) VOCÊ CONCORDA COM AS AFIRMATIVAS?		TR. 216	
		RESPOSTAS	PERCENTUAIS
a	A qualidade do ensino não ajuda a formação do hábito de leitura	49	23%
b	A televisão e os jogos eletrônicos acabam com o interesse pelo livro	44	20%
c	O ritmo de vida atual não favorece o hábito de leitura	32	15%
d	São poucas as bibliotecas escolares e públicas	32	15%
e	O preço dos livros infantis é um obstáculo à formação do hábito de ler	21	10%
f	Hoje a criança se informa mais e melhor através da televisão	15	07%
g	O cinema, vídeo e TV estimulam mais a fantasia que o livro	14	06%
h	Apesar de tudo, hoje as crianças lêem mais que antigamente	09	04%

(26.) VOCÊ ACREDITA QUE O LIVRO:		TR. 076	
	Permanecerá para sempre	54	71%
	Sua importância cultural vai diminuir	08	10%
	Tende a ser substituído pelos audiovisuais	05	06%
	Vai se transformar em disquete	05	06%
	Vai mudar, embora permaneça	04	05%

ANEXO 13

(23.) NA SUA OPINIÃO, HÁ OBRAS FUNDAMENTAIS PARA UMA FORMAÇÃO BÁSICA?		TR. 038	
		RESPOSTAS	PERCENTUAIS
	Sim	22	58%

Não	16	42%
-----	----	-----

(24.) SE VOCÊ ACHA QUE SIM, INDIQUE ATÉ CINCO OBRAS OU AUTORES		
Homero	09	
Shakespeare	09	
Machado de Assis (várias obras)	09	
<i>Bíblia</i>	06	
Platão	05	
<i>As mil e uma noites</i>	03	
<i>Contrato Social</i> (J. J. Rousseau)	02	
<i>D. Quixote</i> (Miguel de Cervantes)	02	
<i>Macunaíma</i> (Mario de Andrade)	02	
Thomas Mann	02	
Outros (com 1 indicação)	42	

ANEXO 14

(28.) QUE LEITURAS FORAM MAIS IMPORTANTES EM SUA VIDA? (INDIQUE ATÉ CINCO OBRAS/AUTORES)		TR. 036
	RESPOSTAS	
Machado de Assis (várias obras)	09	
<i>Bíblia</i>	08	
Platão	04	
Carlos Drummond de Andrade (várias obras)	04	
Monteiro Lobato	04	
<i>Dom Quixote</i> (Miguel de Cervantes)	03	
Fernando Pessoa	03	
Albert Camus	03	
<i>O pequeno príncipe</i> (A. Saint-Exupery)	03	
Homero	03	
<i>As flores do mal</i> (Charles Baudelaire)	03	
Outros (com 2 ou 1 indicações)	63	

ANEXO 15

HÁBITOS DE CONSUMO CULTURAL (RESPOSTAS MÚLTIPLAS) TRT 069		
	RESPOSTAS	
Lê livros (diariamente)	54	
Assiste TV (diariamente)	51	
Lê jornais e revistas (diariamente)	48	
Freqüenta cinema (mensalmente)	34	
Freqüenta teatros (pelo menos uma vez por ano)	34	
Freqüenta museus (pelo menos uma vez por ano)	29	
Assiste concertos (pelo menos uma vez por ano)	25	
Assiste <i>shows</i> de música (pelo menos uma vez por ano)	25	
Freqüenta bibliotecas públicas (mensalmente)	23	
Assiste vídeos (diariamente)	20	
Freqüenta galerias de arte (pelo menos uma vez por ano)	20	
Freqüenta bailes (mensalmente)	09	

ANEXO 16.

(34.) PERFIL DO CONSUMIDOR DE LIVROS DE SEGUNDA MÃO TRT. 069 (DADOS PESSOAIS E SITUAÇÃO SOCIOCULTURAL)		
	RESPOSTAS	PERCENTUAIS
SEXO		
Masculino	53	77%
Feminino	16	23%
ESTADO CIVIL		
Casado (a)	35	50%
Solteiro (a)	25	36%
divorciado (a)	06	09%
viúvo (a)	03	04%
FAIXA ETÁRIA		
26 a 35 anos	25	36%

36 a 55 anos	23	34%
56 a 65 anos	08	12%
15 a 25 anos	06	09%
Mais de 66 anos	05	07%
ESCOLARIDADE		
Terceiro grau	35	51%
Segundo grau	13	19%
Mestrado	10	14%
Doutorado	06	09%
Primeiro grau	04	06%
ATIVIDADE PROFISSIONAL		
Profissional liberal	11	16%
Professor (a) universitário (a)	09	13%
Funcionário público	09	13%
Professor (a) secundário (a)	08	12%
Comerciário (a)	07	10%
Jornalista/escritor(a)	06	09%
Outros	19	27%
RENDA FAMILIAR MENSAL		
Mais de 10 salários mínimos	27	39%
De 5 a 10 salários mínimos	18	26%
De 3 a 5 salários mínimos	11	16%
Menos de 3 salários mínimos	09	13%
PARTICIPAÇÃO EM INSTITUIÇÃO ACADÊMICA, CULTURAL OU CIENTÍFICA		
Sim	39	56%
Não	19	27%
Não responderam	21	16%
DOMÍNIO DE IDIOMA ESTRANGEIRO (Mais de uma resposta positiva; Total: 153)		
Espanhol	44	
Inglês	38	

Francês	37	
Italiano	20	
Outros	14	

**ANEXO:
QUESTIONÁRIO DA PESQUISA:**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

“O PÚBLICO DA CULTURA”

SEGMENTO:
O CONSUMIDOR DE LIVROS DE SEGUNDA MÃO.
PERFIL DO CLIENTE DOS SEBOS.

Assinale com X nos quadrinhos as respostas certas. Responda por extenso quando necessário. Use o verso da folha se precisar.

1. O QUE MAIS VOCÊ PROCURA NOS SEBOS ?

- livros raros.
- livros baratos.
- enriquecer sua coleção.
- o que está em falta nas outras livrarias (de livros novos).
- gibis e/ou revistas antigas.
- satisfazer seu “vício” de leitura.
- outros: _____.

2. QUAIS OS TEMAS (OU ÁREAS) DE SEU MAIOR INTERESSE ?

- História do Brasil.
- poesia.
- filosofia/ciência/teologia.
- policiais/ficção científica/terror/espionagem/aventuras.
- literatura clássica.
- arte.
- direito.
- histórias de amor/aventuras românticas/romances eróticos.
- política/economia/ciências sociais/atualidades.
- religião/misticismo/astrologia/ciências ocultas.
- outros: _____.

3. VOCÊ VISITA SEBOS COM QUE FREQUÊNCIA ?

- semanalmente.
- quinzenalmente .
- mensalmente
- diariamente.
- sem nenhuma regularidade.
- quase nunca.

4. VOCÊ TEM O HÁBITO DE FREQUENTAR MAIS DE UM SEBO NUM MESMO DIA ?

- Sim
- Não
- às vezes

5. VOCÊ TEM O HÁBITO DE ADQUIRIR ?
- discos usados.
 - roupas usadas.
 - jornais/documentos/manuscritos, antigos.
 - sucata para reaproveitamento.
 - antiguidades (móveis, objetos, quadros, gravuras)
 - cartões postais antigos.
 - selos antigos
 - moedas antigas.
 - nada disso.
6. VOCÊ USA “EX-LIBRIS” PARA MARCAR SUA BIBLIOTECA ?
- sim não
7. EM MÉDIA, QUANTO TEMPO VOCÊ DEMORA NUM SEBO ?
- menos de um hora.
 - de uma a três horas.
 - mais de três horas.
8. VOCÊ FAZ ALGUM TIPO DE “COLEÇÃO” DE LIVROS ?
- obras de/sobre algum autor. Qual? _____.
 - obras sobre um assunto. Qual? _____.
 - obras sobre uma personagem. Qual? _____.
 - primeiras edições de autores do modernismo brasileiro.
 - obras publicadas até o século XVIII.
 - outra(s). Qual(is)? _____.
 - NENHUMA.
9. SE VOCÊ É COLECIONADOR(A), O QUE MOTIVOU A FORMAÇÃO DA COLEÇÃO?
- pesquisa para trabalho intelectual.
 - hobby*.
 - necessidade profissional de especialização.
 - preservar a memória.
 - investimento que se valoriza.
 - prazer intelectual.
 - outros: _____.
10. QUANTOS LIVROS EM MÉDIA VOCÊ ADQUIRIU POR MÊS NOS ÚLTIMOS DOZE MESES ?
- até 1. de três a cinco.
 - de um a três. mais de cinco.
11. VOCÊ COSTUMA PRESENTEAR COM LIVROS DE SEGUNDA MÃO:
- a seus filhos/sobrinhos/netos.
 - a seus amigos/colegas.
 - a sua esposa (ou marido)/namorado(a)/pais.
 - não costuma dar livros usados de presente.
12. O QUE MAIS CONTA NA HORA DE DECIDIR A COMPRA DE UM LIVRO ?
- necessidade. preço. curiosidade. oportunidade.
 - raridade. intuição. tato. prazer da posse.
13. HABITUALMENTE VOCÊ COMPRA MAIS ?

livros usados. livros novos

14. SUA BIBLIOTECA É COMPOSTA DE QUANTOS VOLUMES ?

 menos de 200. entre 1000 e 3000. entre 200 e 500. mais de 3000. entre 500 e 1000.15. DOS LIVROS QUE VOCÊ ADQUIRE, EFETIVAMENTE QUANTOS VOCÊ LÊ ? menos da metade. mais de oitenta por cento. mais da metade. todos.

16. VOCÊ TEM HÁBITO DE PEDIR EMPRESTADOS (E EMPRESTAR) LIVROS ?

 sim. não.

Por quê?: _____.

17. ASSINALE AS AFIRMATIVAS COM QUE VOCÊ CONCORDA:

 A qualidade do ensino não ajuda a formação do hábito de leitura. A televisão e os jogos eletrônicos acabam com o interesse pelo livro. O ritmo de vida atual não favorece o hábito de leitura. Hoje a criança se informa mais e melhor através da televisão. O cinema, vídeo e TV estimulam mais a fantasia que o livro. O preço dos livros infantis é um obstáculo à formação do hábito de ler. Apesar de tudo, hoje as crianças lêem mais do que antigamente. São poucas as bibliotecas escolares e públicas.

18. VOCÊ ACHA A XEROX ?

 um bem. um mal.

Por quê?: _____.

19. OS LIVROS ANTIGOS, EM COMPARAÇÃO COM OS ATUAIS, SÃO:

 melhores graficamente. as traduções são melhores. as ilustrações são de melhor qualidade. mais "bem escritos". os conteúdos são melhores. NADA DISSO. Hoje publica-se mais e melhor do que antigamente.

20. O QUE LEVA VOCÊ A ESCOLHER UM LIVRO PARA COMPRAR ?

 A recomendação dos amigos. A crítica. A indicação do livreiro. A apresentação na capa ou orelha. Ser de uma boa editora. O autor. A indicação do professor. O tradutor. NADA DISSO.21. O QUE É MAIS IMPORTANTE NO LIVRO COMO OBJETO MATERIAL ? A beleza da tipografia e diagramação. A capa. A qualidade do papel. As ilustrações. A encadernação.

- A legibilidade do texto.
- Um acabamento resistente.
- Nada disso tem importância, o que vale é o conteúdo.

22. ALÉM DE SEBOS, VOCÊ TEM O HÁBITO DE COMPRAR LIVROS EM:

- livrarias (de livros novos).
- feiras de livros.
- Bienal do Livro.
- bancas na rua.
- supermercados.
- jornaleiros.
- em casa/escritório (Círculo do Livro, vendedores etc).
- outros: _____

23. HÁ OBRAS FUNDAMENTAIS PARA A FORMAÇÃO CULTURAL BÁSICA DE UMA PESSOA ?

- sim não

24. SE A RESPOSTA FOI AFIRMATIVA, INDIQUE (APENAS) AS CINCO QUE VOCÊ CONSIDERA MAIS IMPORTANTES. De preferência, título e autor.

25. O QUE MAIS ATRAPALHA VOCÊ NA COMPRA DE LIVROS ?

- Falta de tempo para ler.
- O preço dos livros.
- Falta de tempo para frequentar livrarias.
- Falta de espaço em casa.
- Desorganização das livrarias.
- Poucos livros interessantes.
- Livro sujo, rabiscado ou em mau estado.
- O atendimento deficiente.
- A pouca informação do que existe para comprar.
- Outros: _____

26. VOCÊ ACREDITA QUE O LIVRO:

- tende a ser substituído por meios de comunicação audiovisuais (TV e vídeo).
- permanecerá sempre.
- alguma coisa no livro vai mudar. O quê? _____.
- vai continuar, mas sua importância cultural vai diminuir.
- vai se transformar em disquete de computador.

27. AS EDITORAS E LIVRARIAS DIVULGAM SUFICIENTEMENTE O QUE COLOCAM À VENDA?

- Sim Não

28. QUE LEITURAS FORAM MAIS IMPORTANTES NA SUA VIDA ?

Indique até cinco obras:

29. COMO VOCÊ “DESCOBRIU” OS SEBOS?

- Indicação de amigos. Através de pais ou parentes.
 Indicação de professores. Por acaso.
 Através de anúncios Outros: _____ .

30. POR QUE VOCÊ COMPRA LIVROS ?

- A leitura é um prazer de que não abre mão.
 Ser estudante.
 Por hábito/mania de ler.
 Porque as bibliotecas públicas/universitárias são deficientes.
 É importante uma casa ter uma biblioteca para toda a família.
 Os livros são sua melhor companhia.
 Os livros são objetos de cultura e arte.
 Porque precisa manter-se atualizado(a).
 Outras: _____ .
 NÃO SABE.

31. EM QUE OS SEBOS PODEM MUDAR PARA MELHOR ?

- Vender pelo crediário e/ou cartões de crédito.
 Na organização dos livros nas estantes.
 Ter catálogos atualizados do acervo.
 Na limpeza e conservação dos livros.
 No conforto para os clientes.
 Cadastrar os clientes por seus interesses e mantê-los informados.
 Nos preços.
 Estimular o mercado do livro raro no Brasil.
 Promover leilões e intercâmbio de informações entre colecionadores.
 Outros: _____ .

32. QUE SEBOS VOCÊ ELEGERIA OS MELHORES DO BRASIL ?

Indique até cinco. Justifique se puder.

33. QUAIS SÃO SEUS HÁBITOS CULTURAIS ?

Assinale as quantidades relativas.

- Assiste à TV? _____ horas/dia.
 Assiste a vídeos? _____ horas/dia.
 Lê jornais e revistas? _____ horas/dia.
 Lê livros? _____ horas/dia.

- Freqüenta cinemas? _____ vezes/mês.
 Freqüenta teatros? _____ vezes/ano.
 Freqüenta museus? _____ vezes/ano.
 Freqüenta galerias de arte? _____ vezes/ano.
 Assiste a concertos? _____ vezes/ano.
 Assiste a shows musicais? _____ vezes/ano.
 Freqüenta bibliotecas públicas? _____ vezes/ano.
 Freqüenta bailes? _____ vezes/ano.
 Outros: _____

34. DADOS PESSOAIS:

Sexo: masculino. feminino.

Idade: _____ anos.

Estado civil: solteiro(a).
 casado(a).
 divorciado/separado(a).
 viúvo(a).

Escolaridade: 1º grau.
 2º grau.
 3º grau.
 mestrado.
 doutorado.

cursando. completo.

Lê (livros) em idioma(s) estrangeiro(s) ?

inglês. japonês.
 espanhol. russo.
 francês. grego
 alemão. latim
 italiano. outros : _____

Pertence aos quadros de alguma instituição acadêmica/cultural/científica ?

não sim. Qual? _____

Atividade profissional:

professor(a) secundário(a). artista.
 professor(a) primário(a). bancário(a)
 professor(a) universitário(a). operário(a).
 escritor(a) /jornalista. vendedor(a).
 empresário(a). comerciante(a).
 escriturário(a). profissional liberal.
 funcionário(a) público(a). outra: _____

estudante. sem profissão. aposentado(a).

Renda familiar:

até três salários mínimos
 de três a cinco s.m.
 de cinco a dez s.m.
 mais de dez s.m.

OBSERVAÇÕES E ACRÉSCIMOS:
